

Entre a Polônia e o Brasil

Histórias de família

Lembranças dos meus antepassados poloneses

Famílias Petrykoski e Gayeski

Relato de Henrique Gayeski

As minhas lembranças mais antigas são da minha mãe ensinando meus irmãos e a mim a rezar, e algumas orações eram em polonês, como a Ave Maria.

Minha mãe contava “causos”, como ela dizia, que a minha avó Wadislawa contava para ela: como e por que eles vieram para o Brasil. Lá na Polônia tinha muita miséria, além da perseguição comunista, onde não se podiam falar o idioma polonês; as missas também não podiam ser em polonês. O que ela não sabia é que a Polônia, naquela época, não existia como nação.

Se alguém tinha uma vaquinha, tinha que dormir ao lado desse animal para não roubarem.

Ela contava que várias pessoas faleceram durante a viagem e eram jogadas no mar para as baleias não atacarem o barco.

Minha mãe nunca falou de que cidade eles vieram; só descobri em 2018, quando fui para a Polônia pesquisar e consegui encontrar o registro de batismo do meu avô Franciszek Petrykowski, que nasceu no dia 21 de janeiro de 1875 em Luszewo. Este registro está no arquivo histórico de Mława, onde são guardados documentos de 115 paróquias. Este registro está incompleto devido ao mau estado do documento original.

Meus avós Petrykowski, depois de casados, foram morar no lote número 61 na Linha General Osório, em Nova Prata - RS. Eles se casaram em Alfredo Chaves em 28 de outubro de 1896. Eu não conheci meus avós Petrykowski.

A sepultura de meus avós Francisco Petrykowski e Wladislawa Szczesny está preservada e fica no cemitério da capela Santo Estanislau, na Linha General Osório, em Nova Prata - RS. Os bisavôs Maciej Petrykowski e Josefa Kraszewska estão sepultados no cemitério velho da mesma capela.



Família de Francisco Petrikowski e Wladislawa Szecesny em frente à sua residência em Linha General Osório, lote nº 60, Alexandre de Gusmão-RS, em 1917. A bebê é Pelagia, minha mãe. Acervo pessoal.

Quando colheram o primeiro milho, meu avô e alguns vizinhos levavam-no para moer em Alfredo Chaves, a 28 quilômetros. Esse percurso era feito a pé, com 30 quilos de milho nas costas. Com o passar do tempo, conseguiram reunir algumas economias e compraram um burrinho; assim, não precisavam mais levar o milho nas costas.

Meu avô, Francisco Petrykowski, tinha uma visão progressista: incentivou seu filho Teófilo a aprender a profissão de funileiro em Nova Bassano. Com o passar dos anos, meu avô e parte da família foram morar em Erebangó, no norte do RS, onde montaram uma pequena oficina na qual faziam carroças, chaminés de fogão, entre outros produtos.

Com o passar do tempo, o movimento foi diminuindo, pois muitas famílias iam para o Paraná, onde as terras eram melhores. Meu tio Teófilo também foi morar lá e montou sua própria indústria, que produzia chaminés de fogão e consertava fogões. Mais tarde, começou a fabricar os próprios fogões.

Hoje, seus filhos têm uma fábrica de fogões a lenha com a marca PETRYKOSKI e a ATLAS ELETRODOMÉSTICOS, que fabrica fogões a gás, cujos produtos são exportados para vários países.

Da parte dos Gayeski, minhas lembranças são que, aos domingos, íamos de carroça visitar os avós e era uma festa.

Minha mãe me ensinou que, quando chegasse à casa dos nonos, teria que tirar o chapéu e dizer: “*NIECH BĘDZIE POCHWALONY JEZUS CHRYSTUS*”. Eles gostavam disso, e a nona sempre dava uns biscoitos para comer pelo caminho.

Meu trisavô Miguel Gayeski foi morar na Linha Tiradentes, nona seção, em Alfredo Chaves, lote número 62, capela Nossa Senhora da Glória. A sepultura dos meus trisavôs Gayeski ainda está preservada no cemitério da mesma comunidade.



André Gaieski e Mariana Masokiewicz, imigrantes poloneses, pais de Felix Gajeski e meus bisavós. Acervo pessoal.

Meu avô Felix Gajeski comprou um rádio — foi o primeiro rádio naquela região — e os vizinhos vinham escutar as notícias. Quando eu e meus irmãos vimos o rádio pela primeira vez, ficamos admirados e imaginando onde aqueles homens que falavam estavam escondidos.



No mesmo arquivo histórico de Mława, encontrei o registro de batismo da minha bisavó paterna Maryanna Marszałkiewicz, que nasceu no dia 22 de janeiro de 1871 em Zieluń e foi batizada no dia 24 de janeiro. Era filha de Feliks Marszałkiewicz e Leonora Wyzlińska.



Jan Wojciechowski e Angela Malinska, pais de Josepha Wojciechowski e meus bisavós. Acervo pessoal.

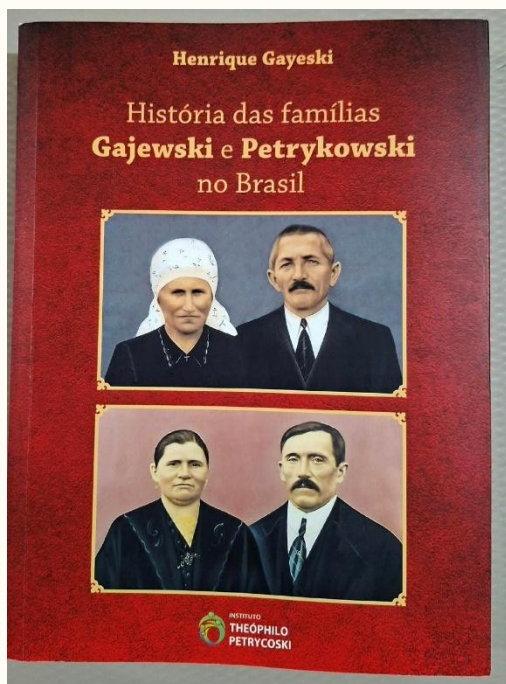
Minha mãe, Pelagia Petrykoski Gayeski, nasceu e viveu sempre no mesmo lugar, nunca morou em outro lugar.



Família de Antonio Gayeski e Pelagia Petrikoski. Da esquerda para a direita: Terezinha Valderez, Salete Maria, Camilo José, Henrique, Irene Miguelina, Geraldo Vicente, Natalia Lúcia, Mônica, Florianana, Francisca, Antonio e Pelagia.

Em 2022, escrevi o livro *HISTÓRIA DAS FAMÍLIAS GAJEWSKI E PETRYKOWSKI no Brasil*. São 514 páginas de muita história, fotos, documentos e, no final, a árvore genealógica bem diferente das que eu já vi. Eu coloquei o nome da pessoa com o local de nascimento, data, com quem casou, nome dos filhos, etc.





Capa do livro *História das famílias Gajewski e Petrykowski no Brasil*, no qual estão reunidas essas histórias, fotografias, documentos e a pesquisa genealógica realizada por mim.

Na frente da minha residência, eu tenho uma águia-branca e o pedestal sob ela é o mapa da Polônia. Também tenho uma pequena capelinha com as imagens de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Częstochowa com os dizeres: “Nossa Senhora Aparecida, proteja os moradores e visitantes desta casa” e “Matka Boska Częstochowska, błogosław mieszkańców i gości tego domu”.



Henrique Gayeski – henriquemayeski@gmail.com

Realização:

Financiamento:

Apoio:

